Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Clínica médica no sertão do Brasil

Sônia Maria de Magalhães[1]

Resumo: O texto apresenta a história de três profissionais da medicina em Goiás ao longo do século XIX, revelando aspectos, pouco conhecidos, da trajetória de profissionais desse ramo no interior do Brasil.

Palavras-chaves: médicos, medicina, Goiás

Abstract: The text presents the history of three professionals of the medicine in Goiás to the long one of century XIX, disclosing aspects, little known, of the trajectory of professionals of this branch in the interior of Brazil.

Keywordss: doctors, medicine, Goiás

Para Moretti Foggia e os doutores Theodoro Rodrigues de Moraes e Francisco Antônio de Azeredo o exercício da medicina na cidade de Goiás se processou lentamente, já que tinham que competir com os herbanários, parteiras, benzedeiras e encanadores de ossos, que costumeiramente serviam os habitantes locais que requisitavam seus serviços. Por meio de vários registros, eles deixaram pistas reveladoras sobre a complexidade da consolidação da medicina científica no interior do Brasil. Mais do que isso, suas vivências revelam faces pouco conhecidas do profissional médico em Goiás: conflitos, dificuldades no exercício da profissão, relações de poder, ascensão, etc. Três perfis distintos: Foggia aportou no país fugindo da polícia italiana; Moraes, membro de família abastada, não encontrou muitas dificuldades para alcançar sucesso na carreira; Azeredo, ao contrário deste, enfrentou vários desafios de ordem econômica para adquirir a tão almejada formação.

O sonho do Eldorado que guiou tantos aventureiros para o interior do Brasil no século XVIII e a localização interiorana da província em relação ao litoral e a Europa contaram muito na escolha da cidade de Goiás como nova residência e local de refúgio do italiano Moretti Foggia, por volta do ano de 1831. Ocasião em que estava com uma idéia fixa na cabeça: a de enriquecer à custa do ouro. Nesse projeto, contava com o apoio de outros conterrâneos, também convictos de que seria possível ficar rico, graças àquele mineral, se empregassem métodos mais científicos do que aqueles utilizados pelos mineradores locais. Para tanto, fundaram a "Sociedade dos Seis Amigos". Persistiram nessa empreitada durante cinco longos anos sem obter sucesso, o que tornou inevitável a dissolução da sociedade

[1] Universidade Federal de Goiás/PRODOC.

(CASTELNAU, 2000:254). Diante dessa situação, parece que cada um seguiu seu rumo, Foggia, porém, decidiu permanecer na cidade.

Vicente Moretti Foggia nasceu em Mântua, capital da Lombardia, chegou ao Brasil no início da década de trinta do século XIX. A perseguição policial foi o outro motivo que determinou a escolha da distante província de Goiás como o local do seu refúgio. Ao longo dos séculos XVIII e XIX, o difícil acesso ao remoto território de Goiás serviu de abrigo e esconderijo para diversos fugitivos da Justiça. Lena Castelo Branco observa que, no ano de 1821, Foggia cursava medicina, nessa ocasião, juntamente com outros colegas, pegou em armas em uma revolta carbonária que eclodiu no Piemonte. Dois anos depois, quando tudo parecia mais calmo, Foggia retomou seus estudos. No entanto, não se sabe por que, viu-se ele forçado novamente a emigrar (FREITAS, 2000).

Decepcionado com o fim da sociedade mineradora, Foggia garantiu a sua sobrevivência no exercício das artes de curar, apesar de não ter concluído o curso de medicina. Em 1836 foi nomeado Boticário do Hospital de Caridade São Pedro de Alcântarasucedendo o inglês Henry Yates, que, por causa do alcoolismo, não poderia continuar exercendo essa função. Três anos mais tarde, persistindo a falta absoluta de clínicos, o italiano foi também encarregado do curativo dos doentes do hospital e dos presos da cadeia. Em 1839, foi designado, pelo Ministro do Exército, Cirurgião-Ajudante da Companhia de Montanha.

A partir da década de 1840, depois de atuar praticamente sozinho, cuidando de militares, civis, livres e escravos, Foggia contaria com a ajuda de dois médicos goianos licenciados na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro: Theodoro Rodrigues de Moraes e Francisco Antônio de Azeredo.

O retorno do jovem Theodoro Rodrigues de Morais à cidade de Goiás foi festejado pelos administradores da Província. Ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro com 19 anos de idade, em 1835 concluindo o curso em 1840, quando defendeu a tese intitulada *O estrangulamento das hérnias entero-epiplóicas e os meios de curar* . Mal terminada a festiva recepção, o recém-formado assumiu o cargo de médico, há muito tempo vago, no São Pedro de Alcântara. Membro de família abastada, que participava ativamente das decisões administrativas da província, Moraes decidiu clinicar gratuitamente, uma vez que estava ciente da pobreza da comunidade.

Em 1845, foi a vez de Francisco Antônio de Azeredo retornar à capital, munido do seu título de doutor, tendo defendido a tese intitulada *Algumas considerações gerais acerca da importância e higiene pelos hospitais civis*. O interesse pelo tema deve ter surgido por

volta de 1832, aos dezessete anos de idade, quando era assistente do boticário Henry Yates no São Pedro de Alcântara. No ano seguinte, Azeredo encaminhou um ofício ao Governo Regencial requerendo uma mesada de alimentação para estudar Cirurgia na Corte, já que não possuía recursos próprios. Apesar de os representantes do governo tecerem elogios à iniciativa e à conduta do suplicante, o seu pedido foi denegado. Recomendaram contudo, que solicitasse auxílio a algum abastado da capital, uma vez que havia grande falta de médicos naquela província (AHEG, caixa 18). Como nenhuma pessoa se prontificou a ajudar o jovem rapaz, este continuou exercendo as suas funções no hospital. O empenho e dedicação demonstrados no cumprimento das suas tarefas lhe conferiram novas responsabilidades no ano de 1836, como o curativo dos doentes e a administração da própria instituição de caridade, uma vez que a junta administrativa tinha sido dissolvida (AHEG, livro 0021). Nesse mesmo ano surgia a oportunidade tão desejada por Azeredo, a de estudar medicina na Corte. Por meio da Resolução número dez desse mesmo ano, a Assembléia Legislativa autorizava às Câmaras Municipais a despender, cada uma, trezentos mil réis anuais com um aluno, natural da província, que se interessasse em freqüentar o curso da Academia Médica Cirúrgica estabelecida no Rio de Janeiro. Azeredo não perdeu tempo, logo que a resolução foi publicada, compareceu à Câmara Municipal munido da certidão de batismo, o documento de conduta civil e moral e o atestado dos seus conhecimentos adquiridos em algumas aulas (AHEG, CAIXA 0020). Para sua satisfação, seu requerimento foi aprovado. O passo seguinte, ainda referente às questões burocráticas, foi a assinatura de um contrato que o obrigava a residir no respectivo município por espaço de dez anos, curando gratuitamente os enfermos pobres, depois de completar o curso na Academia.

A carência de médicos determinou a atuação desses profissionais nas esferas civil e militar. Assim, os personagens aqui estudados ingressaram no exército com o posto de Cirurgião-Ajudante e, posteriormente, promovidos ao posto de Cirurgião-Mor. Na sua carreira militar de 44 anos, Moraes alcançou o alto posto de Coronel cirurgião-mor do Exército em 1870, passando para reserva no ano de 1886, no posto de general médico (SILVA, 2006:51). No hospital civil, Moretti Foggia assumiu inicialmente o cargo de boticário, depois cirurgião e de médico, na ausência dos licenciados. Francisco Azeredo, por sua vez, ingressou como praticante, assumindo posteriormente a administração do hospital civil. Após concluir o curso de medicina requereu ao Governo Imperial a sua nomeação para a função de Cirurgião Ajudante do Corpo Fixo da Província, cargo que lhe foi inicialmente impedido já que havia celebrado um contrato com a Câmara Municipal no ano de 1836 que o comprometia de residir na capital por dez anos e atender gratuitamente os enfermos pobres.

Compromisso cada vez mais difícil de ser cumprido, uma vez que gozava de péssima situação financeira. Desde que foi estudar na Corte, contraiu dívidas com a Assembléia Legislativa Provincial decorrente de empréstimos para sustentar a si e a família que residia na capital da província.

Em Goiás, Foggia, Theodoro Rodrigues e Francisco Azeredo exerceram inúmeras funções, seja para garantir o seu sustento, uma vez que o salário do médico era baixo, seja porque possuíam reconhecimento intelectual e profissional junto à comunidade. Sobreviver com os rendimentos proporcionados por essa atividade era difícil porque as pessoas não tinham o costume de recorrer às suas prescrições. Tal costume precisou ser construído, peculiarmente a partir da difusão das escolas de ensino médico. O alto custo da consulta, inacessível a maioria da população, restringia consideravelmente a clientela. Quando atendiam aos desvalidos recebiam, muitas vezes, pagamento em *in natura* (frangos, porcos, frutas, etc.). Situação similar vivenciada pelo médico americano Willian Mayo que clinicava numa cidadezinha do estado de Minessota, nos Estados Unidos, em meados do Oitocentos: como os pobres integravam a maioria da sua clientela, eles só podiam lhe oferecer, como pagamento um pedaço de *bacon* ou um presunto de fumeiro. Para aumentar seus magros rendimentos, Mayo exercia ainda a medicina veterinária, o cargo de Juiz de Paz e dirigia uma barca a vapor, de um lado a outro do rio, para Le Suer (CLAPESATTLE, 1952:36-7). Por outro lado, a medicina acadêmica, pouco eficaz, estava impossibilitada de apresentar soluções muito mais satisfatórias do que os conhecimentos medicinais empíricos. Até o começo da modernidade, os médicos desconheciam o interior do corpo humano. Tanto o diagnóstico como os tratamentos eram baseados na experiência e observação. Tratava-se dos sintomas, já que pouco se sabia sobre a etiologia dos males, tinha de se confiar em "uma farmácia de projéteis, ferindo ora a doença ora o doente, o próprio médico não sabendo a qual" (Idem:23). Assim, os critérios que distribuíam renda, prestígio e poder a essa categoria eram todos de natureza extraprofissional: hábitos culturais, extração social da clientela, relações pessoais e outros assemelhados. Destarte, na opinião de Edmundo Campos, quem definia a característica da medicina era a clientela e não a comunidade médica.

Mesmo no interior do Brasil, o médico ampliava gradativamente o seu espaço de atuação, empenhando-se na tarefa de ordenar aquilo que era visto como desordem, transformando a cidade num espaço considerado civilizado. As reformas do edifício do Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara e a construção do cemitério público da cidade, atendendo os preceitos das estratégias sanitárias, foram coordenadas pelos médicos locais.

Analisando a tese de doutorado do doutor Azeredo é possível observar sua tolerância em relação às técnicas curativas populares, uma vez que acreditava na eficácia dos medicamentos indígenas, "tanto pela atividade de seus princípios imediatos, e a bem do progresso da ciência, como para a economia de tais estabelecimentos"(AZEREDO, 1844:30).Bem diferente era a opinião de Foggia em relação a esse assunto, além de condenar o exercício ilegal da medicina realizava pelas parteiras, advertia que as doenças ginecológicas só podiam ser tratadas pelos doutores do Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara, únicos habilitados para o exercício de tal função (AGE, 2004:27-8). Porém, era muito difícil para eles introduzir as concepções do hospital moderno, orientado para cura, numa instituição em que a filantropia consistia na principal preocupação e a terapêutica ficava relegada ao segundo plano. A irregularidade da renda e os constantes atrasos no repasse das verbas por parte do governo provincial pioravam ainda mais o atendimento.

A escolha do local mais apropriado para a construção do cemitério público da capital, conforme as normas de higiene, que proibiam o sepultamento de cadáveres no interior das igrejas, foi encarregada ao doutor Moraes, que, após inúmeros estudos, decidiu "marcar para a construção do cemitério o lugar que fixa alguns passos além das últimas casas da rua do *Retentém* que reúne as demais condições de calor indispensáveis a pronta dissolução dos cadáveres" (AHEG, livro 202:14).

O espaço de atuação desses médicos foi se ampliado gradativamente, conseguindo, inclusive, o direito de fiscalizar a botica do hospital *(Memórias Goianas 10*, 1998:161). A ausência de ordens religiosas até o ano de 1889, quando as Irmãs Dominicanas assumiram a administração da instituição, pode ter facilitado a ação desses profissionais no interior do recinto.

A difusão das vacinas entre a população foi da responsabilidade dos comissários vacinadores, primeiro o doutor Theodoro, e depois, Moretti Foggia. Ainda que a inoculação com a vacina de Jenner tenha sido introduzida na capitania por volta de 1805, a população era contrária à sua obrigatoriedade.

No ano de 1839, seguindo as recomendações do governo provincial, Foggia examinou as supostas virtudes terapêuticas das fontes de águas termais de Caldas Novas, Caldas Velhas e Pirapitinga (*Memórias Goianas 3*, 1986:167). Seu relatório exaltou os benefícios desses mananciais no tratamento da sífilis, morféia e lepra. Foggia também exerceu o cargo de Inspetor de Higiene Pública. No seu relatório de 1885 destaca que as febres, as afecções catarrais e do fígado, as lesões orgânicas do coração e do fígado, as moléstias crônicas do aparelho digestivo, o beribéri, disseminavam-se em toda a região.

Exonerado da sua ocupação no hospital civil em 1857, Moraes passou a se dedicar apenas à medicina militar. Provavelmente, foi a partir dessa época, quando se desobrigou da sua função no São Pedro de Alcântara, que ele passou a se devotar à política.

Muitos médicos se envolveram na vida política, demonstrando popularidade e devido à singularidade da sua profissão obtiveram sempre posição de destaque social. Foram deputados, constituintes, prefeitos, juízes de Paz, senadores, presidentes e vice-presidentes de província, a exemplo do doutor Dermivel Malhado, que era estimadíssimo em Cuiabá e como médico conquistou grande fama. Possuía confiança pública, e muitas das suas receitas médicas foram arquivadas como "específico miraculoso". Foi político militante filiado ao Partido Liberal, tendo sido eleito deputado provincial em diversas legislaturas, e Vice-Presidente da Província, Inspetor de higiene, Diretor Geral da Instrução Pública, professor da cadeira de Pedagogia e Métodos do Liceu Cuiabano, médico da Santa Casa de Misericórdia. Participou, ainda, de praticamente todos os movimentos culturais e sociais de Cuiabá (Souza, 1970: 123-40).

O envolvimento com a política mostra que os médicos desfrutavam de vasto conhecimento dos assuntos da região, detinham certa erudição somada à experiência de viver fora das esferas da sua cidade de origem durante o período de formação profissional. Também indica o prestígio que adquiria no exercício de suas atividades. Esse perfil contribuiu para que muitos galgassem posições de destaque na vida política regional, principalmente nas últimas décadas do século XIX, momento em que esse profissional se propôs a tratar, além do corpo individual, do "corpo social" e, para tanto, desenvolveu toda uma concepção de origem e difusão das doenças. Como tantos outros médicos, Theodoro Rodrigues de Moraes fez carreira política, exercendo os cargos de presidente e vice-presidente da província em períodos curtos nos anos de 1879 a 1881. Nesse empreendimento, contava com o apoio e o prestígio da sua família, que participava ativamente nas definições dos rumos políticos, econômicos e administrativos da província.

Ao que parece, a consagração da carreira do doutor Francisco Antônio de Azeredo verificou-se no âmbito militar durante a Guerra do Paraguai, quando ocupava o cargo de primeiro médico do Hospital Militar. Assentou-se inicialmente como praça, em 1852 como Alferes cirurgião-ajudante, alcançando por antigüidade o posto de Major Cirurgião-Mor de Brigada em 1866. Além de socorrer os soldados feridos durante as batalhas, o doutor Azeredo, como maior autoridade sanitária, teve que tomar sérias providências durante uma epidemia de varíola que ameaçava não apenas os militares, mas também toda a população de Cuiabá.

Com o término da guerra, doutor Francisco retornou à cidade de Goiás, onde continuou praticando a medicina civil e militar e prestando serviços para o governo da província. No ano de 1875, por exemplo, lhe foi incumbida a organização de uma exposição de produtos regionais das áreas agrícola, indústria e belas-artes. A finalidade desse evento consistia em selecionar os melhores exemplares de cada modalidade para serem enviados à Corte e, de lá, encaminhados à Exposição Internacional da Filadélfia de 1876.

No ano de 1880, quando Theodoro Rodrigues de Moraes exercia interinamente o cargo de vice-presidente da província, Azeredo apresentou à Assembléia Legislativa de Goiás um relatório indicando os diferentes meios para sanear a capital. Recomendou a remoção do lixo existente em vários lugares, a limpeza das sarjetas da praça do chafariz e do açougue, a desobstrução dos bueiros e a inspeção rigorosa dos gêneros alimentícios vendidos no mercado, medidas prioritárias que dependiam de uma atuação mais enérgica por parte da Câmara Municipal. Interferências maiores, de competência do governo provincial, também se faziam necessárias, como a destruição de alguns prédios visando à facilitação da circulação do ar, a construção do cais da Lapa e a mudança do curso do rio Uru para uma das cabeceiras do rio Vermelho (*Memórias Goianas* 13, 2001:28).

Atuaram também como professores do Liceu de Goiás, escola de nível secundário, criada em 1846. Nela, o doutor Moraes ministrava as disciplinas de História e Geografia; Moretti Foggia, Aritmética e Geometria; e Azeredo, Retórica e Poética (Martins, 1983: 42).

Esses personagens foram os principais difusores dos princípios da medicina científica em Goiás ao longo do século XIX. Vidas entrecruzadas pela prática de um ofício comum trazem a lume aspectos pouco conhecidos da história da medicina no interior Brasil. O doutor Theodoro Rodrigues de Moraes faleceu no Rio de Janeiro a 12 de junho de 1897, com 80 anos, ocupando o posto de Brigada do Corpo Médico. Foggia e Azeredo continuaram clinicando em Goiás até o fim da vida. O doutor Francisco de Azeredo faleceu no dia 23 de setembro de 1884. No mesmo local, Moretti Foggia, em 1892, aos 91 anos de idade, extremamente pobre, segundo pesquisas realizadas pela professora Lena Castelo Branco. O nome desse italiano, contudo, ainda permanece vivo no cotidiano da população vilaboense, nomeando a principal rua — antiga rua Direita — da pequena e antiga cidade de Goiás.

Bibliografia:

AGE, Mônica. *As mulheres parteiras na cidade de Goyas* (século XIX), Dissertação de Mestrado, FCHF, 2002).

AZEREDO, Francisco Azeredo, *Algumas considerações gerais acerca da importância da higiene dos hospitais civis*, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Tipografia Diário de N.L. Viana, 1844.

CASTELNAU, Francis. *Expedição às regiões centrais da América do S*ul, Belo Horizonte/Rio de Janeiro, Itatiaia, 2000.

CLAPESATTLE, Helen.. *Os doutores Mayo*, Rio de Janeiro, Pongetti, 1952.

COELHO, Edmundo Campos Coelho, *.As profissões imperiais*, Rio de Janeiro, Record, 1999.

FREITAS, Lena Castelo Branco.*"Médicos Europeus na província de Goiás"*, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás*, nº 15, Goiânia, 2000.

MARTINS, Zildete. *A participação de Goiás na guerra do Paraguai (1864-1870),* Goiânia, UFG, 1983.

SOUZA, Luiz de Castro."A medicina na Guerra do Paraguai.. *Revista de História*, nº 83, São Paulo, 1970.

Fontes

Arquivo Histórico do Estado de Goiás (AHEG).

Caixa 18;

Caixa 0020;

Livro 0021.

Livro 202.

Memórias Goianas nº 3. Goiânia: UCG, 1986.

Memórias Goianas nº10. Goiânia: UCG, 1998.

Memórias Goianas 13, Goiânia, SGC, 2001.